política

Schirmer defende união de partidos na gestão Zucco

Um dos coordenadores da campanha vitoriosa ao governo do RS, Cezar Schirmer é cotado para o primeiro escalão

/ TRANSIÇÃO NO PIRATINI

Marcus Meneghetti
marcusv@jcrs.com.br

O secretário Municipal de Planejamento e Gestão de Porto Alegre, Cezar Schirmer (MDB), foi um dos coordenadores da campanha do governador eleito Luciano Zucco (PL) nas eleições de 2026, apesar de os emedebistas terem lançado a candidatura do vice-governador Gabriel Souza (MDB) ao governo do Estado. Agora, Schirmer – que está afastado do MDB – defende uma união em torno de vários partidos em torno do governo Zucco.

O secretário de Porto Alegre é cotado para assumir uma secretaria no próximo governo estadual. Apesar de não descartar um cargo na gestão de Zucco, afirma que está satisfeito com sua função na prefeitura – onde é responsável pela revitalização do Centro histórico e pelo programa POA Futura, que pretende investir cerca de R$ 7 bilhões em obras na Capital. "Tudo o que puder fazer para ajudar o governador Zucco, eu vou fazer. Estando ou não no governo", garante.

Nesta entrevista exclusiva ao **Jornal do Comércio**, Cezar Schirmer também comenta sobre o seu futuro político: questionado se considera sair do MDB, afirma que não pretende se filiar a nenhum outro partido, mas talvez permaneça afastado do MDB. A razão seria a discordância da posição do diretório nacional, que estaria "ensaiando" participar do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Schirmer se declara oposição ao governo Lula.

Jornal do Comércio – O senhor teve um papel importante na eleição de Luciano Zucco (PL) ao governo do Estado, na medida em que foi um dos coordenadores da campanha dele. Como avalia a eleição no primeiro turno?

Cezar Schirmer – Tivemos uma votação consagradora para o centro-direita não só no Rio Grande do Sul, mas no Brasil inteiro. E a eleição revelou que parte da população tem um cansaço, quer um "basta" na corrupção, no desperdício, nos serviços públicos desqualificados. Essa votação trouxe um espírito de mudança e esperança de novas realidades, de um atendimento melhor à população.

JC – Quais as principais dificuldades aqui no Rio Grande do Sul?

Schirmer – Do ponto de vista do desenvolvimento econômico, nos últimos 20 anos, o Rio Grande do Sul é o estado que menos cresceu no Brasil. A situação do Rio Grande do Sul é mais difícil do que nos outros estados do Sul, do Sudeste e Centro-Oeste. Afinal, o Estado também vive uma crise financeira e fiscal profunda, as finanças do Rio Grande do Sul estão em um quadro de calamidade. E não é de hoje. Isso vem acontecendo há bastante tempo. Nunca foi enfrentado como deveria, seja na questão da dívida (com a União), seja nos altos impostos e poucos resultados. Toda essa realidade se refletiu na eleição.

JC – Embora o senhor esteja afastado do MDB, ainda é filiado ao partido. No momento, os emedebistas não fazem parte do governo Zucco. Mas o senhor é cotado para o secretariado. Se for convidado, aceitaria?

Schirmer – Sou do MDB, mas não apoiei o candidato do partido (o vice-governador Gabriel Souza, que disputou o Palácio Piratini nas eleições de 2026). Ao mesmo tempo, não apoiei o governador Zucco por interesses pessoais ou qualquer coisa dessa natureza. Estou muito bem onde estou. Sou secretário do prefeito (Sebastião) Melo (MDB). Tenho a responsabilidade de executar os financiamentos que minha secretaria captou internacionalmente e nacionalmente. Além do mais, é minha responsabilidade coordenar as ações de recuperação do Centro Histórico. Tudo isso me estimula muito. Então, tudo o que puder fazer para ajudar o governador Zucco, eu vou fazer. Estando ou não no governo.

JC – Como está sua situação no MDB?

Schirmer – Lá atrás, pedi afastamento do MDB de Porto Alegre sem data de retorno. Afastamento não é desfiliação, é passar um tempo fora. O diretório da Capital comunicou por telefone à direção estadual. Mesmo que eu não tenha endereçado a eles o pedido, a direção decidiu que eu seria afastado até o dia 6 de outubro. Só que as razões que me motivaram a me afastar do MDB continuam em pé. Ao menos, no plano nacional. Obviamente, sou oposição ao governo Lula. Já vi que o MDB nacional está ensaiando ter ministérios no governo do presidente Lula. Gostaria de um partido que tivesse clareza sobre o que pensa, sobre como se posicionar. Não apenas "tem governo, sou a favor."

JC – Descarta sair do MDB?

Schirmer – Sair ou não sair, para mim, é irrelevante. É verdade que também não vou para outro partido. Prefiro ficar independente, livre-pensador, do que dar explicações sobre ações e condutas (do partido) com as quais eu não concordo. Então, talvez, permaneça como estou: afastado.

JC – Gostaria que o MDB participasse do governo Zucco?

Schirmer - Temos que nos unir. Não é unir para ter cargos no governo, é unir em torno de um propósito, de um conjunto de ideias e objetivos claros. Quais? Desenvolver o Rio Grande, cuidar da agricultura, preparar-se para as secas e as enchentes, cuidar da saúde do povo gaúcho, melhorar a qualidade da educação, ampliar a infraestrutura. Mesmo que haja divergência, precisamos buscar as convergências. Participando ou não do governo. Esse é um assunto que os partidos têm que dialogar com o governador.

JC – A prefeitura lançou no final de outubro o edital de licitação para 11 obras na área da saúde e da assistência social (oito unidades da rede municipal de saúde, duas de assistência social e um conselho tutelar). Os projetos serão financiados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Qual a expectativa?

Schirmer - Esse financiamento

ALEX ROCHA/PMPA/JC



Secretário da Capital é responsável pelo programa POA Futura

constitui parte do programa Poa Futura, que engloba R$ 7 bilhões em investimentos em diferentes áreas da cidade, diferentes setores da administração, obras de interesse da população. Essa licitação (das 11 obras da saúde e da assistência social) tem uma característica diferente. Normalmente, você faz o projeto para, depois, licitar a obra. Neste caso, estamos licitando o projeto e a obra juntos. Então, a empresa que monta o projeto é a mesma que vai fazer a obra. Assim que a prefeitura aprova o projeto, automaticamente, a mesma empresa começa a executar a obra.

JC – Diminui a chance da obra aumentar de valor ao longo da execução?

Schirmer – Esse modelo de licitação evita aquilo que acontece muitas vezes... Uma empresa faz o projeto, a outra faz a obra. Mas a que faz a obra diz que o projeto está errado. Aí tem que fazer termo adjetivo, mudar o preço etc. Nesse formato, as obras serão mais rápidas. Até porque tem o prazo da licitação, que leva uns seis, sete, oito meses, dependendo do caso.

JC – Uma vez licitadas, qual o prazo para as obras?

Schirmer – No geral, as obras tendem a levar um ano e três meses, um ano e oito meses.

JC – Qual o tamanho do investimento nas 11 obras previstas na licitação?

Schirmer - Nesse estilo de licitação internacional, não há um preço básico. Cada empresa oferece o seu projeto e preço. A prefeitura analisa o projeto e a obra. Ganha não só o menor preço, mas também o melhor projeto.

JC – Na sua palestra no Tá na Mesa, o prefeito Sebastião Melo (MDB) falou que o seu sucessor deveria ser construído em uma aliança entre o MDB e o PL. O PP também manifestou interesse nessa aliança. Como enxerga essa possibilidade para 2028?

Schirmer – Acredito que não só esses três partidos, mas outros que apoiaram o prefeito Melo devem se somar na próxima eleição municipal. O prefeito Melo vem fazendo um bom governo, melhorando muito a cidade. Seria um desperdício que Porto Alegre caísse em mãos que não dessem continuidade ao esforço da administração municipal em melhorar a educação, a saúde, a infraestrutura, a qualidade de vida da população. Então, esse é um esforço, um desafio: somar vários partidos em um só propósito, que é eleger uma candidatura que signifique continuar melhorando Porto Alegre. Mas esse é um assunto que não é para já. Nesse momento, estamos de olho no que vai acontecer no Estado e na União. Provavelmente, no fim de 2027, começa-se a discutir as questões que envolvem a eleição municipal.

Governador eleito afirma que não dará continuidade às concessões rodoviárias

O governador eleito Luciano Zucco (PL) deixou claro nesta quinta-feira que não levará adiante as concessões rodoviárias encaminhadas pelo atual governo do Rio Grande do Sul. Ao ser questionado sobre o tema na coletiva de imprensa após o anúncio dos novos secretários no instituto Caldeira, Zucco disse que ainda fará uma reunião com o governador Eduardo Leite (PSD) sobre o Bloco 2.

"Já deixamos claro na campanha que somos contra essas concessões que foram apresentadas. Não houve ainda esse diálogo que o governador Eduardo Leite se propôs a fazer com a transição. Ele não fez essa reunião ainda. O modelo apresentado (nos blocos 1 e 2) não vamos avançar", garantiu Zucco na coletiva no Instituto Caldeira.

A desistência dos blocos 1 e 2 gera incertezas sobre o futuro das 15 rodovias englobadas nesses projetos. No caso do Bloco 2, há dúvidas sobre o R$ 1,5 bilhão em recursos do Fundo do Plano Rio Grande (Funrigs) destinados àqueles projetos.

Na última reunião da transição de governo em 22 de outubro, na qual Leite e Zucco se sentaram lado a lado no Centro Administrativo Fernando Ferrari, Leite pediu uma reunião específica sobre a modelagem do Bloco 2.

A modelagem do Bloco 2 inclui seis rodovias: ERS-128, ERS-129, ERS-130, ERS-324, RSC-453 e ERS-135. As estradas passam pelos municípios do Vale do Taquari e do Norte do Estado, como Passo Fundo, Marau e Erechim. Entre as melhorias previstas nesses trechos, estão a construção de 182 quilômetros de duplicações e 71,5 quilômetros de terceiras faixas

Segundo a gestão Leite, a previsão de investimento é de R$ 6 bilhões – dos quais R$ 1,5 bilhão recursos do Funrigs, criado após a cheia de 2024.